

## Pascal e Nietzsche

José Thomaz Brum\*

**Resumo:** Este artigo procura estudar a presença do filósofo francês Blaise Pascal (1623-1662) na obra de Nietzsche e propõe uma comparação entre os dois pensadores, na qual o estilo aforístico e as questões que dizem respeito ao cristianismo são pontos essenciais.

**Palavras-chave:** Pascal/Nietzsche – cristianismo – aforismo – ascetismo

*Os livros mais profundos e mais inesgotáveis terão sem dúvida sempre algo do caráter aforístico e súbito dos Pensamentos de Pascal. Nietzsche, Fragmentos Póstumos 1884-1885, 35(31) (KSA, XI, p. 522).*

A figura de Blaise Pascal, o mais importante representante moderno do cristianismo de S. Paulo e de S. Agostinho, sempre provocou em Nietzsche uma dupla reação. Abundam em sua obra as referências respeitadas e admirativas ao “gênio” de Pascal enquanto filósofo. Embora, ao mesmo tempo, este represente para o autor de *O Anticristo* (1888) o modelo exemplar do *cristão*, e mesmo do *santo*.

---

\* José Thomaz Brum é professor do Curso de Especialização em História da Arte da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).

Pascal, que viveu em uma época (século XVII) em que a fé cristã tinha como pano de fundo o racionalismo e o ceticismo dele derivado, representa para Nietzsche o expoente religioso da *negação metafísica do mundo*. Não por acaso, em várias passagens de sua obra, a sua figura é comparada à de Schopenhauer, que constitui – aos olhos de Nietzsche – a “contrapartida ateísta” de Pascal.<sup>(1)</sup>

O texto fundador da relação Pascal/Nietzsche é o aforismo 408 de *Miscelânea de opiniões e sentenças* (1876), intitulado *A descida ao Hades*. Nele Pascal é reunido a Schopenhauer em um par pessimista, que, lado a outros três (Epicuro e Montaigne, Goethe e Spinoza, Platão e Rousseau) “têm os olhos fixos em mim”<sup>(2)</sup>, diz Nietzsche. Ora, após este reconhecimento da importância do Pascal pensador enquanto irmão da mesma família de Schopenhauer, Nietzsche – ao longo de sua obra – enumera as suas afinidades com aquele que chamou, em carta a Georg Brandes, o “único cristão lógico” (Carta de 20 de novembro de 1888).

A partir de sua primeira obra que critica explicitamente a moral cristã (*Aurora*, 1881) Pascal aparece para Nietzsche como um *caso*, um exemplo mórbido de como um intelecto brilhante se deixou seduzir pela visão cristã do mundo. Tal lamento nietzschiano encontra a sua expressão mais clara na passagem de *Além do Bem e do Mal* (1886), em que descreve a “fé de Pascal” como um “contínuo suicídio da razão”<sup>(3)</sup> e um “sacrifício do intelecto”.<sup>(4)</sup> Paradoxalmente, em *Ecce Homo* (1888), Nietzsche reúne na mesma afirmação admiração e crítica, ou afeto e censura, ao declarar “amar” Pascal como “a mais instrutiva vítima do cristianismo, lentamente assassinado”.<sup>(5)</sup>

Como se vê, o grande filósofo e místico cristão é encarado por Nietzsche de uma forma ambivalente, ou ambígua. Ele declara que “quando falo de Platão, de Pascal, de Spinoza e de Goethe, sei que o meu sangue circula em minhas veias”<sup>(6)</sup>, o que constitui uma declaração de *afinidade espiritual* entre ambos, mas, ao mesmo tempo, Pascal aparece como o adversário (*Der Gegner*)<sup>(7)</sup>, o

inimigo exemplar – já que personifica como ninguém a religião cristã.

O interesse que me levou a estudar a afinidade ambígua entre esses dois “irmãos inimigos” está centrado na própria temática que une os dois pensadores. Em primeiro lugar, o *estilo aforístico* comum a ambos.<sup>(8)</sup> Tanto Pascal quanto Nietzsche são mestres da expressão concentrada e fragmentária. Pascal o declara na célebre passagem dos *Pensées*, 373 intitulada *Pirronismo*: “Escreverei aqui meus pensamentos sem ordem, não talvez em uma confusão sem objetivo: esta é a verdadeira ordem...”<sup>(9)</sup>, e em outra onde louva “a maneira de escrever de Epicteto, de Montaigne e de Salomon de Tultie”.<sup>(10)</sup> Nietzsche, como todos sabem, é o grande mestre alemão do aforismo<sup>(11)</sup>, em uma tradição expressiva na qual a França – com seus moralistas La Rochefoucauld, La Bruyère, o próprio Pascal ... – destacou-se mais do que a Alemanha, apesar da obra aforística de Goethe, Schopenhauer, Heine e Lichtenberg. Irmãos portanto no estilo compacto e oposto ao ensaio acadêmico, Pascal e Nietzsche possuem – além disso – várias posições filosóficas comuns, como:

- 1) o combate ao *otimismo* superficial e ao racionalismo de sua época.
- 2) uma certa concepção – diferente mas às vezes coincidente – do *ceticismo*.
- 3) a eleição do “perspectivismo” como forma necessária do conhecimento humano e da formação de valores.

Mas, sobretudo, Pascal e Nietzsche compartilham uma insatisfação essencial com relação à condição humana atual. Discípulo do *pessimismo agostiniano*<sup>(12)</sup>, Pascal via o homem sem Deus como um ser “miserável” marcado pelo pecado original. Ao saber-se “odioso” e “incerto”, o homem – “príncipe despojado” – deve se engajar no lance arriscado da *aposta em Deus (pari)*; lance incerto e grandioso onde o filósofo Pascal mostra toda a sua

doutrina refinada: nem *dogmatismo*, nem *ceticismo*: “temos uma incapacidade de provar, que nenhum dogmatismo pode vencer. Temos uma idéia da verdade, que nenhum Pirronismo pode suplantar”.<sup>(13)</sup>

Pascal, assim como Nietzsche, busca um *ideal de perfeição* superior a existência meramente biológica ou “hedonista”. Nietzsche, com a sua noção de uma “cultura superior”, de um novo “tipo” de homem, também não se limita a um mero fruir da condição humana, como faz por exemplo o sereno Montaigne nos *Ensaíos*.

Estamos vendo que o cristianismo trágico de Pascal e a filosofia trágica e anticristã de Nietzsche mantêm algo mais do que uma mera relação de *exclusão recíproca*. A questão tão complexa do *ascetismo* na visão de Nietzsche – exposta no texto sutil de *Genealogia da Moral* (1887), III, “o que significam os ideais ascéticos”, é outro elo que aproxima – de modo conflitante é verdade – as abordagens de Pascal e de Nietzsche.

Como pode ser visto nitidamente até aqui, é a questão do *cristianismo* que faz com que Pascal se torne um “irmão inimigo” de Nietzsche. Maior crítico moderno da moral cristã, Nietzsche nunca deixou, no entanto, de admirar a figura *trágica* de Pascal, estilista incomparável, pensador sutil, que compôs uma visão austera e grandiosa da fé cristã. Na seção de *Além do Bem e do Mal* dedicada ao “fenômeno religioso” (3ª parte), Pascal é citado como *modelo*: “para imaginar e estabelecer, por exemplo, que história teve até hoje o problema da *ciência* e da *consciência* na alma dos *homines religiosi* [homens religiosos] talvez fosse preciso ser tão profundo, tão imenso e tão ferido quanto a consciência intelectual de Pascal”.<sup>(14)</sup> Também Nietzsche, a seu modo, deixou-se inquietar pela questão análoga do *instinto* e da *razão* e, mais ainda, pela forte ambigüidade que via no fenômeno religioso cristão.

É interessante observar que tanto Pascal quanto Nietzsche ganham importância, para a filosofia moderna e contemporânea,

quando confrontados com a questão da moderna crise religiosa: o pessimismo do “eu odioso” pascaliano e a crítica do “nihilismo” em Nietzsche se encontram<sup>(15)</sup> na visão de um homem “estranho a si mesmo” tão presente nas interrogações contemporâneas sobre a *essência* do homem (Freud, Heidegger, Cioran entre outros).

Estudar Pascal e Nietzsche, ou Pascal *em* Nietzsche, é muito mais do que apresentar o conflito entre ateísmo e cristianismo. É, talvez, tentar problematizá-lo e mostrar que o ateísmo de Nietzsche pode incluir uma relação nuançada e ambivalente com aquele que foi criticado por Voltaire nas *Lettres philosophiques*<sup>(16)</sup> (1733).

É, no mínimo, intrigante constatar que Voltaire – o modelo francês das Luzes – condena Pascal como “doente”, e Nietzsche, doente, condena o cristianismo – e Pascal – pela mesma razão. O que demonstra que não há em Nietzsche nem a serena jovialidade de Montaigne, nem a superioridade iluminista de Voltaire, “saudável”, diante do “doente” Pascal.

Espírito mais problemático, Nietzsche critica em Pascal o que sente em si mesmo, como uma dimensão trágica de um espírito demasiado clarividente. Por isso, como bem diz Henry Bauer, “ele escuta as lições de Voltaire, mas aquele que ele ama é Pascal”.<sup>(17)</sup>

## Notas

- (1) Em um fragmento póstumo de outono de 1887, Nietzsche denomina Schopenhauer “moderno Pascal, com juízos de valor pascalianos *sem* cristianismo”) *Fragmentos Póstumos*, (140) 10[5]. (KSA, XII, p.56).
- (2) Cf. VM/OS, 408. (KSA, II, p.534).

- (3) JGB/BM, 46. Tradução brasileira de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 52. (KSA, V, p. 66).
- (4) JGB/BM, 229. Tradução brasileira p. 136. (KSA, V, p. 166).
- (5) EH/EH, “Por que sou tão inteligente” §3. Tradução brasileira de Paulo César de Souza, p.41. (KSA, VI, p. 285).
- (6) Fragmentos Póstumos 1881-1882, 12 [52]. (KSA, IX, p. 585).
- (7) Em um aforismo de Aurora (192), intitulado Desejar adversários perfeitos, Nietzsche fala de “Pascal, o primeiro de todos os cristãos em sua maneira de unir o ardor, o espírito e a lealdade”. (KSA, III, p. 165).
- (8) Charles Andler, em seu estudo pioneiro Nietzsche, sa vie et sa pensée, I, no capítulo dedicado a Pascal enquanto “precursor de Nietzsche”, afirma que este sugeriu a Nietzsche “o seu método de exposição e de composição” (Cf. ANDLER, p.119).
- (9) *Pensées* 373 ed. Brunschvicg. Tradução brasileira de Sérgio Milliet em Pascal, Col. “Os Pensadores”, p. 128.
- (10) *Pensées*, 18 bis, Artigo 1 – “Pensamentos sobre o espírito e sobre o estilo” (tradução brasileira p. 42).
- (11) Em GD/CI, Divagações de um extemporâneo, §51 é o próprio Nietzsche quem diz: “o aforismo, a sentença, formas nas quais eu me tornei o primeiro mestre alemão, são as formas da “eternidade””. (KSA, VI, p. 153).
- (12) A tradição pessimista agostiniana considera que o homem é essencialmente mau, por causa do *pecado original*. A razão humana, segundo essa, não pode chegar a uma *compreensão* de Deus. O homem deve crer Nele, sem contar com o auxílio da razão. Tal posição marcou Pascal, e, mais modernamente, Kierkegaard.
- (13) *Pensées*, 395, *instinto razão* (tradução brasileira, p. 132).
- (14) JGB/BM, capítulo terceiro, §45 (tradução brasileira, p. 51). (KSA, V, p. 65).
- (15) Henri Birault, em seu *Nietzsche et le Pari de Pascal*, observa: “É assim que Pascal fala da miséria do homem, é assim que Nietzsche fala da decadência e do último homem, é assim que um e outro louvam o homem, o rebaixam e o contradizem sempre”. (p.69)
- (16) Na 25ª *Lettre philosophique* Voltaire critica duramente Pascal por pretender mostrar todos os homens como “malvados” e “infelizes”. Tomando o partido da “humanidade”, ele “ousa” se opor a este “misantropo sublime” como diz.
- (17) BAUER, Henry. *Pascal et Nietzsche*, p. 49.

## Referências Bibliográficas

1. ANDLER, Charles. *Nietzsche, sa vie et sa pensée*, Tomo I. Paris: Gallimard, 1958.
2. BAUER, Henry. “Pascal et Nietzsche”, In: *Revue Germanique*, janeiro/fevereiro de 1914.
3. BIRAULT, Henri. “Nietzsche et le pari de Pascal”. In: *Archivio di Filosofia*, 1962-1963, pp. 67 a 90.
4. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke, Kritische Studienausgabe*, editado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Deutscher Taschenbuch Verlag München, Walter de Gruyter, Berlim, 1967-77 (15 volumes).
5. PASCAL, B. *Pensées Classiques* Garnier, Paris, 1964. (Texto da edição Brunschvicg). Introdução e notas por Ch. M. de Granges.
6. VOLTAIRE. *Lettres Philosophiques*. Paris: Garnier-Flammarion, 1964.

**Abstract:** This paper aims to study the presence of the French philosopher Blaise Pascal (1623-1662) in Nietzsche's work and suggest a comparison between the two thinkers where the aphoristic style and the questions concerning Christianity are essential points.

**Key-words:** Pascal/Nietzsche – Christianity – aphorism – asceticism